

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Popular* Class.: 24
 Data: 13 de Novembro de 1988 Pg. _____

Arqueologia

A América de 40 mil anos

Arqueólogo do IGPA apresenta nova tese sobre o aparecimento do homem americano e põe fim à teoria de que ele entrou no continente há apenas 18 mil anos

Marcello Queiroz

Há menos de um mês, em Washington, a capital norte-americana, cientistas do mundo inteiro, que se dedicam aos estudos dos povos antigos, receberam com clogios e surpresa uma inédita descoberta arqueológica. Participando de seminários no Natural History Museum e proferindo palestras em várias universidades, o professor e arqueólogo Altair Salles, fundador do IGPA - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, da Universidade Católica de Goiás - era o centro de perguntas, respostas e discussões pela grande novidade: o homem americano é muito mais antigo do que se imaginava e povoa as terras do continente há mais de 40 mil anos, um tempo maior do que o dobro do apresentado nas teses arqueológicas sobre as Américas.

Antes da descoberta do professor Altair Salles, as mais recentes pesquisas ainda davam credibilidade à teoria que explica o antigo povoamento do continente americano via Estreito de Bering, uma tese que segundo Salles, não sofria nenhuma restrição ou formas de questionamento e era tida como a única via possível de acesso utilizada pelos povos antigos. Por esses estudos, acreditava-se que o homem teria chegado à América há 18 mil anos, mas os trabalhos comandados pela equipe do professor Salles, em mais de 40 sítios arqueológicos do Planalto Central Brasileiro - regiões de Goiás, Bahia, Minas, Piauí e Mato Grosso - além de revelar que os ancestrais dos atuais indígenas viviam no continente em terras americanas há mais de 40 mil anos, mostram, através da reconstituição paleoambiental, os processos de transformação cultural e as modificações vegeto-climáticas ocorridas no continente durante este período.

Os trabalhos de campos e descobertas de sítios arqueológicos vêm sendo feitos desde 1975 e não pretendem se esgotar em pouco tempo. Uma equipe de geólogos, arqueólogos, geógrafos e paleontologistas do IGPA reforçada por especialistas do Instituto Anchietano da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, vem se dedicando ao minucioso trabalho de pesquisas em áreas tropicais, que vêm sendo exploradas há pouco tempo e que conservam materiais arqueológicos em condições que não se repetem em regiões temperadas ou outras áreas do continente.

Os principais trabalhos de campo da equipe do professor Salles estão sendo desenvolvidos nos sítios arqueológicos descobertos no oeste da Bahia próxima aos municípios de Correntina, Santa Maria da Vitória e Santana dos Brejos. Com uma distância de até 200 quilômetros entre cada sítio, eles são encontrados através de um longo e complexo trabalho. Depois de serem arqueologicamente detectados, inicia-se um minucioso trabalho a partir de fotos aéreas da região. Através das fotos, faz-se um levantamento dos pontos mais importantes para serem checados em campo, onde realizam estudos e análises altamente detalhadas sobre as características do processo de sedimentação da área.

Com a descoberta de restos de alimentos conservados nas escavações e vários tipos de instrumentos de trabalho, o principal objetivo dos estudos arqueológicos é a reconstituição do paleoambiente para alcançar as devidas explicações de determinados processos culturais e de comportamento adotados pelas civilizações antigas. Com mapas e relatórios, Altair Salles explica a importância das mo-

Pinturas rupestres nas escavações dos sítios arqueológicos do oeste da Bahia: cultura e religião do homem pré-histórico



dos suficientes para comprovar que as primeiras civilizações americanas tinham preferência por um tipo de paisagem caracterizada pelas formações vegetais abertas, como os campos e o cerrado. Ainda segundo Salles, essas civilizações tinham um tipo de economia baseado essencialmente na coleta de frutos estacionais e na caça e acreditar que o homem está há mais de 40 mil anos na América do Sul fica mais fácil ao saber que a vegetação aberta era predominante nesta região, onde havia a maior concentração de frutos comestíveis e fauna diversificada de animais umbrófilos, não-umbrófilos e os herbívoros de grande porte. E no Planalto Central também que viviam animais gigantes hoje extintos, mas contemporâneos das primeiras civilizações, como elefantes, preguiças gigantes e gliptodontes.

Segundo as explicações de Salles, com bases na evolução do meio ambiente e no comportamento cultural, é possível ter um quadro completo de como se estruturaram as populações pré-históricas americanas desde o início do povoamento até as épocas atuais. Nas grutas e escavações dos sítios, têm sido encontrados vários instrumentos de pedra lascada trabalhadas em apenas uma face, que eram manufaturados com a intenção de produzir as vestimentas de couro, proteção maior contra os ventos frios que sopravam no interior do continente. Salles garante ainda que a agricultura foi conhecida na América por volta de mil anos e que ela é o fator de maior responsabilidade pela modificação global na vida daquelas civilizações que abandonam as cavernas como moradias e iniciam a construção de aldeias para novos processos de vida que se consolidam até o início da colonização europeia quando outros tipos de influências vieram desordenar as culturas indígenas existentes.

Carbono 14 e radiometria garantem a antiguidade

As provas de que o homem está interiorizado no continente americano há mais de 40 mil anos são sustentadas pelos minuciosos trabalhos de datações arqueológicas. "A descoberta dos sítios é o fator mais importante", diz Altair Salles ressaltando a importância de pesquisas nas áreas tropicais e contando sobre os métodos de datações já testados desde 1950 com a utilização do Carbono 14 em testes radiométricos.

Segundo o professor Salles, a descoberta das datas foi alcançada com os restos de fogueira das antigas civilizações que ainda podem ser encontrados pelas escavações sistemáticas nas grutas e cavernas utilizadas como moradia dos homens pré-históricos. "Medindo a quantidade de radioatividade dos carvões das fogueiras é que se pode chegar a um grande nível de detalhes da época em que o homem acendeu esses fogos", ele explica. Salles resalta também a grande importância das pinturas rupestres raramente encontradas nos sítios onde estão sendo desenvolvidos periodicamente os trabalhos de campo, que além de serem uma forma de manifestação artística das populações pré-históricas, "possibilitam a compreensão dos aspectos simbólicos e ideológicos de cultura e religião que não são facilmente analisáveis em qualquer outro tipo de material arqueológico".

Sobre os trabalhos do IGPA e o saldo das recentes apresentações de teses nos Estados Unidos, Salles diz que "o nível de trabalho da arqueologia brasileira, tem se destacado internacionalmente em muitos aspectos está bem mais evoluída do que em muitos centros importantes do mundo".

Segundo o professor, o IGPA, fundado em 1973, é o único centro para estudos de paleologia associado a pesquisas e estudos arqueológicos existente em todo o continente americano. Mantido pela Universidade Católica de Goiás, o IGPA vem desenvolvendo seus trabalhos com uma série de convênios com o CNPq - e várias outras instituições nacionais e internacionais que mantêm bolsas para complementação de salários e financiamento das pesquisas de campo.

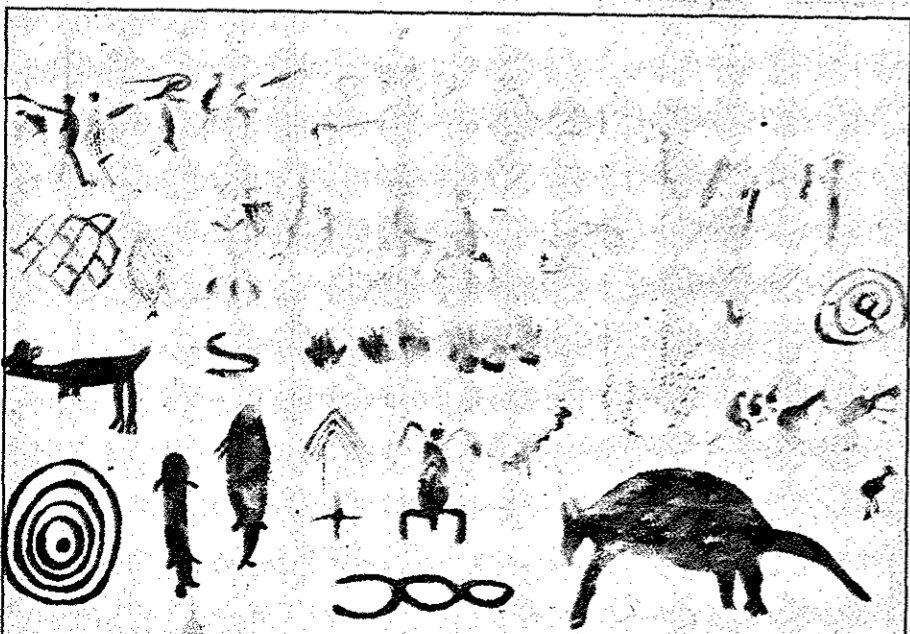
Afirmando que o panorama dos estudos arqueológicos começam a sofrer modificações significativas com as novas teses sobre a chegada do homem no continente americano, Salles põe um grande marco no programa de comemoração dos 500 anos de descoberta da América, iniciado no Encontro de Arqueólogos, em Washington. (M.Q.)

dificações da vegetação para a compreensão dos hábitos e costumes das civilizações antigas.

Atualmente, a vegetação brasileira se caracteriza pelo cerrado no Planalto Central, as matas no Sul e Norte, as caatingas no Nordeste e outras formações intermediárias entre as regiões, mas através das pesquisas arqueológicas, sabe-se, por exemplo, que há cerca de 18 mil anos, o cerrado, que nasceu no Centro-Oeste, expandia-se em grande parte da Amazônia e a caatinga, além do Nordeste, ocupava o norte de Goiás, grande parte do Estado do Mato Grosso, indo até o Paraguai e ainda se espalhava em forma de mancha na área hoje ocupada pela Floresta Amazônica.

De acordo com o professor Salles, existem nos sítios arqueológicos da-

Sinais da interiorização do homem no continente americano com datações que registram sua chegada há mais de 40 mil anos



Detalhes nas cavernas pré-históricas alcançados pelas escavações sistemáticas arqueológicas do IGPA